

Relatório



II ENCONTRO

PROJETO PLATAFORMA
IBERO-AMERICANA PARA A
IMPLEMENTAÇÃO DOS ODS
NAS CIDADES

19 DE OUTUBRO DE 2023



Introdução e apresentação da sessão

A agenda da sessão foi a seguinte:

Hora	Min.	Conteúdo
9:05-9:10	5´	Boas-vindas institucionais.
9:10-9:30	20´	Abordagem de Missões a partir da colaboração multiagente como quadro estratégico e prático para acelerar o cumprimento da Agenda 2030. Caso inspirador de uma iniciativa multiagente na América Latina: o caso de São Paulo. Elementos-chave da experiência partilhada que o ligam à implementação da abordagem de Missões.
9:30-10:15	45´	Diálogo em grupos, em que os participantes partilharão experiências multiagente (características, aprendizagens e desafios) e refletirão sobre como beneficiar de uma abordagem de Missões.
10:15-10:25	10´	Intercâmbio de resultados na sala principal.
10:25-10:30	5´	Próximas etapas e encerramento.

Desenvolvimento da sessão

A sessão foi organizada em três blocos:

BLOCO 1.

Neste primeiro bloco, **Jorge Andrés Osorio**, responsável pelo ambiente na Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB), deu as boas-vindas ao Encontro.

Candela de la Sota Sáñez, Diretora da REDS-SDSN Spain, moderou a sessão.

Por sua vez, **Carlos Mataix**, Diretor do itdUPM e membro do conselho de administração da REDS, comentou a abordagem de Missões, considerando o seu aspeto multiagente como um elemento diferenciador e fazendo as seguintes observações:

Sublinhou que nem todas as colaborações são iguais, sendo a grande maioria de natureza transacional (ou seja, transferências de benefícios mútuos); a diferença quando se fala de colaborações de sustentabilidade, que são de natureza transformacional, é que estas se abordam com o objetivo de inovar e alcançar a transformação necessária nos territórios.

Assim, a colaboração a que se refere esta iniciativa propõe a criação de ambientes multiagente para tecer alianças com múltiplos agentes (como o terceiro setor, a sociedade civil, o meio académico), inclusivamente os menos habituais.

Existem pelo menos três obstáculos que afetam a colaboração com capacidade transformadora e em torno dos quais a abordagem de Missões apresenta uma proposta diferenciadora:

1. **Elemento organizativo:** Segundo a abordagem de Missões, procura-se a criação de equipas interdisciplinares para trabalhar em torno da inovação, com caráter multiagente e multinível. São necessárias mudanças na organização, na forma de pensar e nas dinâmicas de trabalho, capazes de eliminar os silos e reforçar a sinergia entre agentes.
2. **Governança e liderança:** Segundo a abordagem de Missões, a liderança é distribuída, em rede, mas deve ser bem definida (apropriação do desafio colocado): as responsabilidades claramente distribuídas e assumidas com pleno compromisso.
3. **Novos incentivos e alterações regulamentares:** A inovação no quadro regulamentar e financeiro é fundamental. Procura-se uma carteira de projetos comuns e complementares, com resultados concretos capazes de transformar sistemas. Ações como a "etiqueta missão europeia" para as cidades que demonstrem um compromisso credível e que estejam alinhadas com os objetivos da Missão, por exemplo, significa dar-lhes prioridade e facilitar o acesso a financiamento preferencial, apoiá-las com acompanhamento institucional, etc.

A seguir, **Ricardo de Almeida Marchiori**, Assessor Técnico da Secretaria Executiva de Planeamento e Entregas Prioritárias da cidade de São Paulo, apresentou uma experiência inspiradora da sua cidade: "Comissão Municipal ODS de São Paulo".

Através de uma Lei de 2018, os ODS foram colocados como diretrizes de políticas públicas e foi institucionalizado um programa para a implementação da Agenda 2030. Em 2019, foi criada a Comissão Municipal para o Desenvolvimento Sustentável, como órgão colegiado, consultivo e deliberativo. Trata-se de um organismo paritário, pois para o liderar é composto por representantes do governo - áreas da saúde, educação, assistência social, ambiente, relações internacionais, governo, planeamento urbano, desenvolvimento e trabalho - com o objetivo de o liderar. As organizações da sociedade civil, o setor privado e a comunidade científica são igualmente convidados a fazer parte deste órgão.

O seu principal objetivo foi o de localizar os ODS com a criação da Agenda da cidade. A partir da agenda existe o objetivo de criar um Plano de Ação de 4 em 4 anos; além disso, encarrega-se de acompanhar a implementação da Agenda, organizar debates em diferentes fóruns, divulgar e sistematizar boas práticas, promover a articulação de outros organismos e entidades a nível municipal, integrar iniciativas afins a nível nacional e promover a integração de iniciativas e projetos com objetivos semelhantes.

Ricardo de Almeida Marchiori explicou o processo organizacional que se realizou para compor a Comissão, constituindo diferentes câmaras temáticas nas quais se envolveram as organizações

da sociedade civil, definindo as principais questões a trabalhar na Agenda local.

Identificaram-se 135 metas com 545 indicadores para monitorizar o acompanhamento até 2030. Foram estabelecidas ações a implementar.

Para além dos relatórios, foi realizado um trabalho de comunicação em torno do qual se ofereceu formação a vários públicos para divulgar e sensibilizar sobre os ODS e a Agenda Local, isto com o apoio das universidades, da escola do governo e de outros municípios.

Os principais desafios identificados foram os seguintes:

1. Construir e atualizar indicadores que foram introduzidos numa plataforma online, dotados de consistência e análise técnica para monitorizar a sua eficiência e funcionamento.
2. Manter o interesse e a participação da sociedade civil no processo de monitorização.
3. Utilizar a Comissão como um espaço de articulação intergovernamental.
4. Criar e inovar a partir dos resultados da monitorização, bem como obter resultados que verdadeiramente apontem para a inovação e para novas formas de enfrentar os desafios.

Johana Fernández, representante da UCCI, referiu o caso de São Paulo em que a UCCI esteve envolvida. Considerou que representou os esforços de acompanhamento da organização, a partir das políticas públicas, para facilitar as ferramentas e apoiar a estrutura institucional, bem como monitorizar a Agenda Local.

Exemplificou o modelo de trabalho cooperativo da UCCI, com base no seguinte:

1. Programa alinhado com a estratégia de trabalho e a agenda internacional de desenvolvimento, a pedido de uma cidade da rede.
2. As cidades promotoras, as cidades associadas e as entidades aliadas trabalham num esquema de trabalho conjunto, ao abrigo de instrumentos de cooperação técnica, para abordar as políticas públicas, os desafios locais e as parcerias de desenvolvimento.
3. Gestão do conhecimento que concretiza as aprendizagens dos projetos e a capacidade de reprodução das experiências para outras cidades da rede.

Carlos Mataix, a modo de ligação do caso ibero-americano apresentado com a abordagem de Missões, conclui que as cidades estão a seguir estes quadros de colaboração. Sublinhou que a iniciativa proposta, para uma plataforma ibero-americana, não pretendeu reproduzir ou duplicar o que as cidades estão a fazer, mas sim unir esforços para potenciar e enfrentar os mencionados desafios (manter a participação dos agentes envolvidos, produzir resultados inovadores e sustentáveis, conseguir que esses projetos se tornem espaços inspiradores que criem confiança, etc.) da melhor forma possível.

Uma primeira resposta a todas as questões que estes desafios colocam poderia consistir em combinar a planificação com a possibilidade de implementar projetos

transformadores nas cidades e manter o interesse por essas transformações reais. Ou seja, que os próprios projetos de transformação urbana se tornem espaços inspiradores e motivadores para os agentes envolvidos, de forma a gerar confiança e demonstrar a mudança desejada com os seus resultados reais, práticos e materiais. Construir projetos multi-cidades (projetos conjuntos entre cidades, com objetivos concretos, materiais e reais), com os seus planos, ferramentas de acompanhamento e outras.

As plataformas de colaboração que seguem a abordagem de Missões são caracterizadas pelo trabalho orientado para a prática e pelo diálogo dos agentes, não só sobre questões futuras e desejáveis, mas também sobre mudanças que já estão a ocorrer em tempo real nas cidades.

BLOCO 2.

Neste bloco, os participantes foram distribuídos por duas salas, criando assim um espaço de diálogo próximo e fluido em grupos reduzidos. Cada um deles foi liderado por uma facilitadora e acompanhado por especialistas da equipa organizadora. Além disso, foi colocado à disposição dos participantes um quadro eletrónico (ferramenta Jamboard), no qual um membro da equipa organizadora incluiu as principais conclusões e os aspetos que surgiram em cada sala.

O diálogo em cada sala baseou-se em experiências multiagente partilhadas pelas diferentes cidades e redes participantes no encontro, em torno dos pontos fortes e do que funcionou em cada caso; das dificuldades e do que não funcionou; das formas como os seus resultados ou colaborações se poderiam potenciar, e de quaisquer outros aspetos a destacar. O objetivo deste trabalho de diálogo foi o de gerar uma reflexão coletiva sobre a forma como as experiências deste tipo podem beneficiar da implementação de uma abordagem de Missões.

Segue-se uma descrição das principais conclusões obtidas por sala:

Diálogo Sala 1 ([clique aqui](#) para ver os quadros utilizados):

As cidades que participaram nesta sala foram: Buenos Aires, Cidade da Guatemala, Bogotá, Cidade do México e UCCI como uma das redes participantes e parte ativa do processo.

Pontos fortes. Entre os principais pontos fortes identificados nas iniciativas multiagente da região que podem ser orientadas para uma abordagem de Missões, contam-se:

- Integrar a cidadania e outros agentes nesta conversação, sistematizando as informações recolhidas e incorporando os resultados no projeto.
- Colaboração de duas vias e intensa, tanto política quanto técnica, com cidades europeias. Aprendizagem cruzada.

- Convergência dos aspetos sociais juntamente com os ambientais. Para fazer avançar estes aspetos, é necessário trabalhar lado a lado.
- As iniciativas desenvolvidas entre as cidades latino-americanas respondem a desafios comuns e permitem a aprendizagem cruzada entre elas.
- Quando se trabalha com diferentes departamentos dentro de uma administração e existe uma coordenação interinstitucional com um projeto claro e de tração, demonstra-se que é possível acabar com os silos dentro da administração pública.
- Um processo multiagente gera um ponto de convergência em que cada interveniente contribui com a sua experiência e frequentemente permite que o projeto ganhe maior escala (quando a vontade e os orçamentos das partes se juntam).

Desafios. Os principais desafios e dificuldades que as cidades identificaram incluem:

- Continuidade na participação dos vários agentes envolvidos num projeto (não os ter presentes apenas numa fase do projeto); este é um desafio comum aos vários projetos/ações que foram apresentados.
- O maior desafio quando se negocia entre diferentes partes é chegar a acordo sobre os interesses de cada uma delas, e que haja consenso, o que é uma arte.
- A forma de medir o impacto de um projeto/iniciativa multiagente e, no caso apresentado, de uma iniciativa entre cidades, é um verdadeiro desafio.
- A sustentabilidade económica é uma constante nos projetos multiagente. Quem suporta os encargos financeiros da continuação do projeto?
- Um desafio em muitos dos projetos e iniciativas multiagente é a coordenação interinstitucional e a coordenação entre os vários intervenientes. É possível fazê-lo, mas é preciso tempo para acabar com os silos.
- As mudanças de governo, tanto a nível nacional como local, frequentemente constituem um desafio para a continuação de projetos multiagente.

Diálogo Sala 2 ([clique aqui](#) para ver os quadros utilizados):

Pontos fortes. Entre os principais pontos fortes identificados nas iniciativas multiagente da região que se podem orientar para uma abordagem de Missões, contam-se:

- Criação de espaços conjuntos de diálogo, intercâmbio e aprendizagem.
- Reforço da participação, integração e colaboração multissetorial, através de canais de comunicação entre pares e com outros setores da sociedade civil.
- Estabelecimento de grupos, processos e metodologias de trabalho transversais, interdisciplinares e eficientes para identificar soluções e enfrentar desafios comuns no seio de um país e da região.
- Complementaridade e coerência das iniciativas e políticas da região.

- Maior envolvimento e compromisso da comunidade em relação às iniciativas e ações implementadas.
- Potencialização das capacidades, recursos e resultados alcançados pelas cidades. As formas de trabalho colaborativo amplificam o impacto das ações empreendidas, facilitando aos governos locais enfrentar desafios que não poderiam enfrentar sozinhos com sucesso. A abordagem de Missões favorece formas de trabalho em colaboração, sendo uma abordagem mais eficiente e poderosa do que a concorrência.
- Promover pontos de viragem que transformem a dinâmica das cidades e conduzam a transformações reais e sustentáveis.

Desafios. Os principais desafios e dificuldades identificados pelas cidades incluem:

- Gestão da disparidade entre as cidades da região e encontrar mecanismos adaptáveis e critérios inclusivos para favorecer a participação de todas as cidades (e não apenas das grandes cidades e capitais), reunindo-as em torno de desafios comuns.
- Mecanismos ideais para chegar a diferentes públicos, com linguagens e interesses diversos, e para manter o seu interesse e ligação às iniciativas.
- Financiamento das iniciativas, garantindo a sua sustentabilidade e permanência no tempo. Uma questão a considerar é que os mecanismos de financiamento no espaço europeu são diferentes dos da região ibero-americana, daí a importância de partilhar experiências e promover a construção desta iniciativa por parte das próprias cidades e agentes da região.
- Instabilidade política que afeta a continuidade dos processos e das equipas envolvidas nas iniciativas empreendidas.
- Contar com critérios definidos para a identificação das boas práticas a replicar, considerando os seus impactos a curto, médio e longo prazo.

BLOCO 3.

As conclusões alcançadas nos grupos de trabalho foram partilhadas na sala geral pelas próprias cidades e redes participantes.

Como reflexão geral, é possível concluir que muitas das cidades participantes estão a trabalhar de forma interdepartamental; algumas estão a desenvolver trabalhos intersetoriais e outras a abordar desafios conjuntos através das redes existentes.

Neste sentido, **o elemento diferenciador da abordagem de Missões - objeto de reflexão desta iniciativa -, que constituirá uma mais-valia para os esforços desenvolvidos pelas cidades ibero-americanas, reside em promover, facilitar e alinhar simultaneamente todo este trabalho interdepartamental, multisetorial, multinível e colaborativo entre as cidades, dentro do mesmo país e fora dele, com as da região; não só ao nível dos órgãos de administração dos seus governos, mas também**

com os restantes setores nacionais e regionais. Isto, por si só, é um motor para a criação de projetos inovadores, em parceria, que atraem financiamento de elevado impacto.

Próximas etapas

- Receção de sugestões, comentários e contribuições dos participantes, para o enriquecimento e alinhamento do processo, através de:
 - Formulário de avaliação e sugestões (espanhol):
<https://forms.gle/3jceDgHdvvmfsJyF6>
 - Formulário de avaliação e sugestões (português):
<https://forms.gle/Te82ifQraAYK4a3b8>
- **Inscrição no 3º Encontro** do processo de criação de uma Plataforma Ibero-Americana para a Implementação da Agenda 2030 a partir das cidades. O encontro terá lugar no dia 28 de novembro, às 10:00 (GMT-5) 16:00 (GMT+1), e as inscrições podem ser feitas [através deste link](#).